

MÚSICA POPULAR

Liberção de independente já demora mais de oito meses

PRONTO desde março deste ano, o elepê independente de Fernando Pellon, "Cadáver Pega Fogo Durante o Velório", atravessa desde então os sombrios e complicados desvãos da Censura Federal, com uma de suas faixas vetada sob alegações nebulosas e pobres de detalhes. Se situação semelhante já seria difícil para uma gravadora convencional, imagine-se o transtorno que deve estar causando ao compositor, que investiu mais de dois milhões de cruzeiros num produto indiscutivelmente cultural — a começar pela participação especialíssima de artistas como Sinval Silva, Cristina Buarque de Holanda, Nadinho da Ilha, Rafael Rabello, Helvius Villela e João de Aquino, este o autor de praticamente todos os arranjos do disco.

A música censurada "Com Todas as Letras" narra a história de um suicida, contada a partir do instante em que ingeriu "uma dose letal de veneno" e sabe que "tudo está consumado". Liberado, então, de todos os vínculos com a vida, este suicida sai pelas ruas da cidade, "blasfemando contra a vontade de Deus, contra a Pátria e a Propriedade", num desespero bastante compreensível em quem optou pelo gesto extremo. É possível, diz Fernando Pellon, que a Censura tenha implicado com os versos "sempre gostei do vermelho/a cor do pavilhão é a cor do nosso coração", atribuindo-lhe peso



Cartola vive novamente num elepê de músicas inéditas que está sendo produzido pela Funarte

ideológico. Cândida prevenção: americano convicto, o compositor quis apenas homenagear o seu time e saudar Larmartine Babo, citando-lhe a letra do hino famoso.

Impossibilitado de vender o disco, de divulgá-lo junto à imprensa ou as emissoras de rádio, anda Pellon às voltas com requerimentos, recursos, protocolos, num ir e vir interminável, que começa na Av. Venezuela e não acaba nem em Brasília. Membro do Conselho Superior de Censura, Ricardo Cravo Albin interessou-se pelo disco e é provável que este apoio favoreça a liberação da faixa na próxima reunião do Conselho, marcada para dezembro. Apresentado por um texto do crítico Tárk de Souza, que saúda no novo artista o fato de "não ser um estranho no ninho ou um alienista fugaz", Fernando Pellon é dono de obra compacta no

Roberto M. Moura

estilo e original na forma, lembrando por vezes a morbidez refinada que caracterizava as poesias simbolistas de Augusto dos Anjos, mas voltada de modo ácido para a realidade atual. Seus temas são as fraquezas mais escondidas da natureza humana, que ele descobre como um cirurgião, homenageando Ernesto Nazareth sem ocultar o seu fim trágico de louco; recusando-se a chamar a lepra de hanseíase e justificando: "nunca gostei de eufemismo".

Para "vestir" musicalmente estas idéias, este geólogo de 27 anos manobra com ritmos exclusivamente nacionais: compõe sambas, choros, até uma música em forma de samba-enredo ("Flores de Plástico ao Amanhecer"), comentando com humor a indignação de um cadáver a quem a ex-amada oferta flores artificiais no Dia de Finados. O tema, lúgubre, tornar-se inescapavelmente engraçado pelo tratamento inteligente que lhe dá o até agora clandestino Fernando Pellon, que já pensa em gravar o segundo elepê e, paradoxalmente, ainda não pôde lançar o primeiro.

NOTAS SOLTAS

- Todo mundo que já ouviu garante: magnífico o elepê que João de Aquino está produzindo para a Funarte com músicas inéditas de Cartola e participações especiais que vão desde Paulinho da Viola até a legendária Dona Neuma, da Mangueira.
- O Teatro João Caetano, de Niterói, que estava fechado há cinco anos, reabre suas portas hoje com o show "Chamada Geral", do qual participam o MPB-4, Moacir Deriquém, Isis de Oliveira e outros artistas ligados à cidade de Araribóia. A recuperação do novo espaço cultural tornou-se possível a partir das filmagens de "Por Incrível Que Pareça", de Umberto Molo, ali realizadas.